

Caminhos cruzados: de Crisis (1973-1976) a Versus (1975-1979) - a América Latina em questão

Xenya BUCCHIONI¹

Resumo : Tomando como ponto de partida o jornal alternativo *Versus* (1975-1979), editado em São Paulo, este artigo explora a relação travada entre a publicação brasileira e a revista *Crisis* (1973-1976), editada em Buenos Aires. Dois são os eixos sobre os quais se pretende avançar: o entendimento dos laços existentes entre a publicação brasileira e o território cultural em que se converteu a América Latina em princípios dos anos 1970; e as “falas” intrínsecas do projeto político-cultural levado a cabo por ambas publicações. O artigo ainda discute como este projeto esteve vinculado a uma *práxis* jornalística cujo processo de escrita constituiu-se numa forma de engajamento na qual a confecção textual parece querer comportar uma ação de comprometimento entre o jornalista e o texto.

Palavras-chave: Ditadura Militar; História da Comunicação; Imprensa Alternativa; América Latina

Rotas cruzadas: de Crisis (1973-1976) hasta Versus (1975-1979) – América Latina em analisis

Resumen: Tomando como punto de partida el periódico alternativo *Versus* (1975-1979), publicado en São Paulo, este artículo explora la relación creada entre la publicación brasileña y la revista *Crisis* (1973-1976) publicada en Buenos Aires. Dos son los ejes sobre los que se propone avanzar: la comprensión de la relación entre la publicación brasileña y el territorio cultural que se

¹ Doutoranda em Comunicação (Universidade Federal de Pernambuco) com a pesquisa “*América Latina em questão: Versus na trilha de Crisis, aproximações, presença e (re)leitura*” apoiada pela Facepe (Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco); Mestre em Comunicação (Unesp/Bauru), Graduada em Comunicação Social, hab. Jornalismo (Unesp/Bauru). E-mail: xenya.aguiar@gmail.com

convirtió en América Latina a principios de la década de 1970; y el proyecto político cultural intrínseco al “discurso” llevado a cabo por ambas publicaciones. El artículo también explica cómo este proyecto estaba vinculado a una praxis periodística cuyo proceso de escritura constituyó una forma de participación en la que la confección de los textos parece implicar un compromiso de acción entre el periodista y el texto.

Palabras-clave: Dictadura Militar; Historia de la Comunicación; Prensa Alternativa; América Latina

Durante a década de 1970, a América Latina foi marcada por um período de intensas mudanças e contradições. Enquanto os ventos do socialismo se espalhavam com vigor pelo continente – propagados pelos ideários da Revolução Cubana, pelo espírito jovem do maio de 68 francês e pelas lutas de libertação da África –, uma realidade atormentada por regimes ditatoriais se cristalizava.

Nesta via de mão dupla, o Brasil viu surgir uma série de novas publicações para dar voz aos mais variados projetos políticos e culturais. Solo fértil para pesquisas de âmbito acadêmico, esses veículos de comunicação constituíram a chamada imprensa alternativa², conhecida por sua atuação no combate ao regime ditatorial instalado no País entre 1964 e 1985. Composta por um conjunto heterogêneo de jornais e revistas, esta imprensa abrangeu um período extenso, assuntos diferentes, origens e objetivos distintos, sendo o seu denominador comum se contrapor a interesses e/ou tendências dominantes, como observa (HORTA, 2009).

Marginal, independente, *underground* e artesanal são, ainda, outras denominações³ utilizadas para expressar os variados momentos da experiência cultural brasileira, nas quais se inserem este tipo de publicações, a partir da virada dos anos 1960, estendendo-se aos anos 1970.

Atentar para tal variedade nos permite perceber, portanto, que o conceito de imprensa alternativa, comu-

² Vale ressaltar que a denominação imprensa alternativa não se restringe às publicações surgidas no período da ditadura civil-militar, estendendo-se, portanto, a outros momentos da vida social e política do País e, também, do exterior. Afinal, o espírito de oposição e dissenso nunca deixou de existir – basta uma rápida pesquisa na internet para se detectar o novo palco de atuação da imprensa alternativa nos dias de hoje.

³ Ver: KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários nos tempos da imprensa alternativa*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2003; MOREIRA, Sônia. *Vinte anos de imprensa alternativa*. Rioarte, O poder da imprensa alternativa pós-64, Histórico e Desdobramentos, 1985; CHINEM, Rivaldo. *Imprensa alternativa: jornalismo de oposição e inovação*. São Paulo, Ática, 1995.

mente utilizado para definir certa prática jornalística levada a cabo durante o regime militar, abrigou diferentes propostas de jornalismo, o que faz destas publicações um *locus* privilegiado para compreender os traços da realidade e da criação estética que atravessaram o período e foram comportados pelas mesmas.

Longe de serem vistas apenas como um testemunho de seu tempo, tais publicações são passíveis de serem analisadas sob o prisma de sua vivacidade – isto é, enquanto atores e críticos de seu tempo, o que nos remete a pensá-las em suas continuidades e rupturas com o momento no qual se inseriram (BARBOSA, 2009).

Para explorarmos este universo, tomamos com ponto de partida o jornal *Versus*, lançado em outubro de 1975. Sua escolha não se dá ao acaso: a publicação insere-se no período em que o padrão alternativo atinge o seu apogeu, entre 1975 e 1977. “Somente em 1975 foram criados cinco novos jornais alternativos de peso. Outros sete foram lançados em 1976, e mais nove nos três anos seguintes” (KUCINSKY, 2003, p. 21)⁴. Ainda de acordo com a classificação do autor, entre 1975 e 1976, circularam oito grandes alternativos de caráter nacional: O Pasquim (RJ), Crítica (RJ), Ex (SP), Opinião (SP), Movimento (SP), Brasil Mulher (Londrina, SP), *Versus* (SP) e Coojornal (POA).

Versus possui, ainda, algumas particularidades que o convertem, por um lado, em uma experiência adiante do paradigma do jornalismo alternativo praticado, pois sua razão de ser não ficaria circunscrita aos limites históricos da ditadura civil-militar brasileira, e por outro, em uma publicação marcada pelo caráter híbrido de seus colaboradores e conteúdos.

O projeto desde o qual se concebe a publicação quer criar uma imagem de unidade continental latino-americana, assim como conceder à escrita uma reflexão acerca de seu papel enquanto instrumento de transformação da sociedade. Fala-se do Brasil pela margem, ao lançar luz sobre a existência de países vizinhos com realidades próximas as vividas pelo País naquele período – uma estratégia que também serviu para manter a segu-

4 Precisar com exatidão quais foram estes periódicos é uma tarefa que permanece em aberto tendo em vista que não há uma indicação clara neste sentido. Na tabela disponível no anexo da obra (p. 257), na qual as publicações estão categorizadas, entre os anos de 1964 e 1980, por “título, cidade, formato, frequência e editor”, verifica-se uma quantidade de publicações superior à indicada na citação, o que deixa dúvidas sobre qual o critério adotado para embasar a afirmativa. A opção por manter a referência, no entanto, se justifica pela possibilidade de novas portas de entrada a este capítulo da história da imprensa, sobretudo se levarmos em conta que a obra em questão ainda consiste num dos poucos trabalhos de síntese sobre este período.

rança da equipe, além da sobrevida da publicação, já que a poupou da canetada vermelha da censura, ainda, ativa em 1975⁵. Prova disto é que *Versus* se inspira na revista *Crisis*⁶, lançada pelo jornalista uruguaio Eduardo Galeano, dois anos antes, na Argentina (em maio de 1973), com quem estabelece um diálogo no qual se verificam aproximações, presença e (re)leitura⁷.

Explicar a semelhança entre ambas publicações ultrapassa a escolha sugestiva de seus nomes para se entrelaçar numa proposta singular: a construção de um projeto político-cultural para a América Latina. Um desafio que encontrou na imprensa alternativa brasileira uma possibilidade de existência. Aliás, uma possibilidade de refletir sobre o próprio jornalismo. Ou melhor, sobre a linguagem – ou, ainda, sobre como a linguagem constrói a realidade. E, portanto, sobre o caráter político da atividade jornalística (MORETZSOHN, 2001).

Entender a criação de *Versus*, bem como as contribuições e os dissensos que marcam suas páginas, implica enxergar além da visão que de pronto identifica a imprensa alternativa como resistência à ditadura civil-militar brasileira⁸. Isso porque o regime militar se constitui numa espécie de pano de fundo para a ponte possível com os outros países da América Latina e para a legitimação das rupturas ao longo da trajetória da publicação.

Assim, dos 33 números publicados, 24 são dirigidos pelo jornalista gaúcho Marcos Faerman – a quem o interesse pelo continente se dera num trabalho anterior realizado para o Caderno de Cultura do periódico *Zero Hora* (RS). Outras foram também as assinaturas ligadas a este projeto⁹ que, a partir da edição de número 12, datada de julho de 1977, incorpora junto ao título a expressão “Afro-América-Latina *Versus*”, dando início à primeira diferenciação da proposta originada por *Crisis*. Uma transformação que atingiria seu ápice

5 Ver: Omar L. de Barros Filho. *Versus: Páginas da utopia*. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2007.

6 Apesar de ambas publicações serem em formato tablóide, *Versus* se autodenominava jornal e *Crisis* revista.

7 É válido salientar que o componente político da época se apresenta em constante tensionamento com esta aposta continental, sobre a qual exerce uma influência manifesta, modelando as páginas da publicação desde a sua aparição até o seu fechamento.

8 Entendemos que a pronta categorização não responde a pergunta sobre quais tipos de resistência foram levadas a cabo pela imprensa alternativa – ou em outras palavras, ela condensa numa única designação os diferentes projetos de jornalismo praticados no período.

9 Os jornalistas Wagner Carelli (criador da *Bravo!*), Claudio Bojunga, Jacob Klintowitz, Mouzar Benedito e Vitor Vieira, os cartunistas Angeli, Chico Caruso, Paulo Caruso, Jota, Alcy e Luiz Gê, além de Toninho Mendes (criador da *Circo Editorial*), Boris Schnaiderman, Enio Squeff, Modesto Carone, são alguns dos nomes implicados no projeto.

com a saída de Faerman, além de outros colaboradores, em 1978, com a consequente manutenção da direção do jornal por integrantes da Convergência Socialista – atestado dos caminhos cruzados entre jornalistas e militantes.

Apesar da progressiva politização da publicação, é no protagonismo da vivência cultural latino-americana que encontramos as chaves de seu funcionamento (ARAÚJO, 2002). Escritores de nacionalidades e gêneros diferentes como Julio Cortázar, Tomás Eloy Martínez, Carlos Fuentes, José Martí, Rodolfo Walsh, Gabriel García Marquez, Eduardo Galeano, Cesar Vallejo, Pablo Neruda, Érico Veríssimo, João Antonio, críticos literários como Ariel Dorfman, são alguns dos nomes que compõem a diversidade de suas páginas.

Essa ausência de limites geográficos fez da América Latina o referente de destino de *Versus*, o que contribuiu para sua distinção dos demais alternativos e para uma experimentação a partir de seu próprio “objeto” temático que termina por afetar o processo de escrita – àquela altura marcado pelo estilo de texto curto e objetivo da grande imprensa, que começava a se consolidar, se intensificaria nas redações na década de 1980 e levaria à redefinição do “bom jornalista” como aquele que consegue, em tempo hábil, dar conta das exigências de produção da notícia (MARCONDES FILHO, 2002). *Versus* foi um contraponto a esta tendência.

O Brasil e seu regime ditatorial cederam lugar – numa dura circunstância de censuras e arbitrariedades – à visão continentalista, num cenário de intenso êxodo de intelectuais e de refugiados políticos. A presença latino-americana no exílio fermentava, portanto, o caldo cultural no qual *Versus* fincou os pés, até onde lhe foi possível, para seguir com um “programa” voltado à ‘cultura como forma de ação política’¹⁰.

Concebida a partir de um esforço em transpor fronteiras compartilhando um sentimento de pertencimento, a publicação é fruto de uma época em que a reivindicação política não escapava à criação literária, nem ao ideal revolucionário e à estética (SARRÍA BUIL, 2005). É ainda fruto do empenho de um grupo de jornalistas que se debateu sobre a confecção textual como elemento constitutivo da identidade do jornalista em oposição à escalada do disciplinamento técnico calcado numa noção de objetividade propagada como orientadora e legitimadora do exercício profissional até os dias de hoje.

Com os olhos voltados para *Versus* – e sem perder de vista a aproximação, a presença e a (re)leitura travada com *Crisis* – dois são os eixos sob os quais este

artigo quer avançar: os laços existentes entre a publicação brasileira e o território cultural em que se converteu a América Latina em princípios dos anos 1970; e as “falas” intrínsecas do projeto político-cultural levado a cabo por ambas.

Versus e Crisis: aproximações, presença e (re)leitura

Datada de maio de 1973, a primeira edição de *Crisis* circulou com os argentinos ainda sob o comando do general Juan Perón (1973-1974), sendo extinta ao final do governo de sua viúva Isabelita Perón (1974-1976) – momento em que um golpe de Estado militar instaurou a ditadura por sete anos na Argentina.

Com periodicidade mensal e picos de tiragem de até 45 mil exemplares, *Crisis* atingiu 40 edições, nos quais reuniu e divulgou parte significativa do pensamento nacionalista e anti-imperialista. Sutilmente, também sublinhou a necessária unidade continental em resposta aos avanços dos Estados Unidos, o que era tido como um dos principais entraves ao desenvolvimento do chamado Terceiro Mundo (BARROS FILHO, 2008).

Nas páginas da revista, vozes habitualmente anônimas como as dos imigrantes, dos operários ou dos mineiros, conviveram com igual importância com os testemunhos de intelectuais e personalidades, além de artigos assinados. Ao mesmo tempo, o cinema, o circo, as telenovelas e o futebol, também, tiveram espaço garantido.

Apoiada pelo capital do empresário, Federico Vogelius, na redação circularam, primeiro com a direção editorial do romancista Ernesto Sábato e, pouco depois, sob a coordenação do jornalista uruguaio, Eduardo Galeano, nomes como Haroldo Conti (desaparecido desde 1976), Rogelio Garcia Lupo, Aníbal Ford, Jorge B. Riviera, o poeta Juen Guelman, e outros tantos colaboradores (SONDERÉGUER, 1996).

Um estuário com origem nos anos 1960, *Crisis* não passou despercebida e estendeu sua influência em solo brasileiro (BARROS FILHO, 2008). No Brasil, foi nos primeiros dias de outubro de 1975, que *Versus* chegou às mãos de seus leitores e estabeleceu com eles uma relação um pouco mais duradoura: a publicação existiu por quatro anos, sendo o seu último exemplar datado de 1979. O jornalista gaúcho Marcos Faerman, leitor assíduo de *Crisis*, foi o fundador de *Versus* e seu editor-chefe entre 1975 e 1978.

Na equipe de redação, profissionais como Caco Barcellos, Wagner Carelli, Mouzar Benedito, Licínio Azevedo, Reinaldo Chinem, Luiz Egypto e Omar L. de

¹⁰ Um novo *Versus*?, [Editorial]. *Versus*, n. 18, fev., 1978.

Barros Filho articulavam-se aos cartunistas Luis Gê, Angeli e aos irmãos Chico e Paulo Caruso sob o olhar de Toninho Mendes, responsável pelo projeto gráfico inicial da publicação, e do editor Marcos Faerman. Entre os colaboradores internacionais, uma figura conhecida: Eduardo Galeano, que após o fechamento de *Crisis*, em 1976, exilou-se na Europa, e desde a Espanha enviava sua colaboração - a “Carta de Barcelona”.

De formato tablóide, periodicidade mensal e com um número de impressão que alcançou a marca de 40 mil exemplares, *Versus* soma 34 edições, onde estão reunidos, nos marcos do governo Geisel (1974-1979), parte significativa de “um imaginário original, que era de esquerda sem ser doutrinário, cultural sem ser estritamente literato, e jornalístico sem ser contingente” (KUCINSKY, 2003, p. 250). Além disso, neste conjunto se encontra um material substancial para entender até onde foi possível ter *Crisis* como Norte na bússola.

Parece, portanto, não ser exagero dizer que *Versus* e *Crisis* são “publicações irmãs”. Explicamos: em 1976, após o fechamento da “irmã mais velha”, Eduardo Galeano, à época diretor de *Crisis*, enviou a Marcos Faerman a coleção completa da publicação, “com perto de quarenta edições, que somavam 150 textos fundamentais de autores latino-americanos” (MOREIRA, 1985). A reutilização destes textos foi prática comum em *Versus*.

Outras referências e influências da publicação argentina permeiam o conjunto de edições da publicação brasileira, que já em seu primeiro número traz uma carta de Galeano endereçada a Faerman com felicitações pelo lançamento de *Versus*:

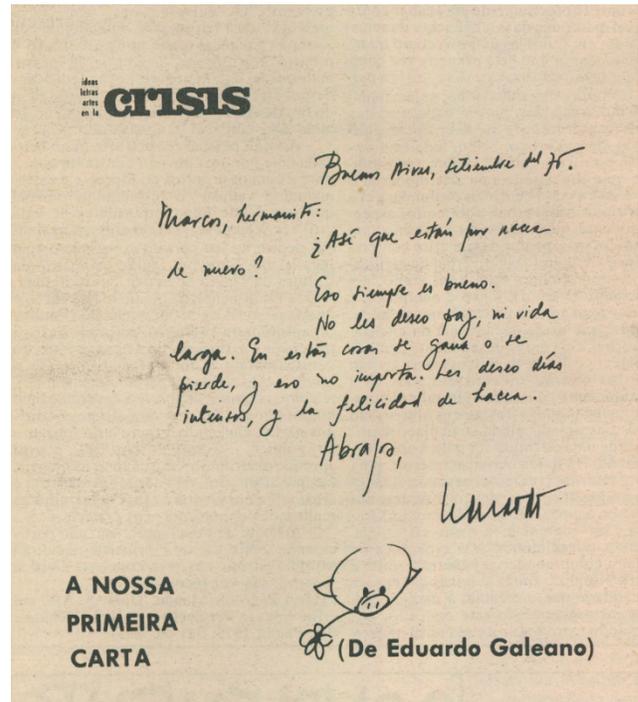


Figura 1: *Versus*, edição 1, outubro de 1975, p. 41¹¹

Ao observarmos o projeto gráfico, notamos semelhanças desde a tipografia e os grafismos utilizados nas edições até a organização do sumário.

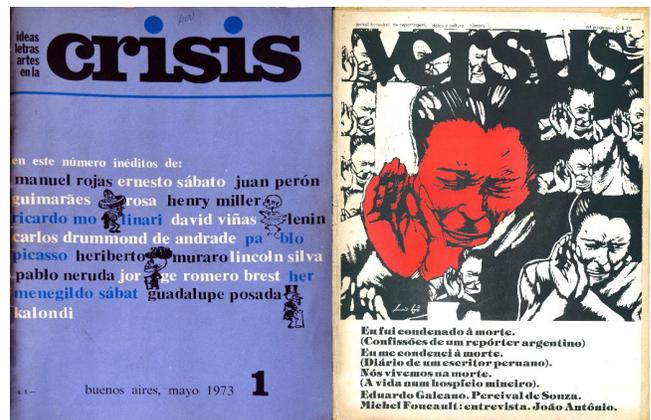


Figura 2: *Crisis*, edição 1, maio de 1973; *Versus*, edição 1, outubro de 1975

11 Buenos Aires, setiembre del 75, Marcos, hermanito: Así que están por hacer de nuevo? Eso tiempo es Bueno. No les deseo paz, ni vida larga. En estas cosas le gana o le pierde, y eso no importa. Les deseo días enteros, y la felicidad de hacer. Abrajo, Eduardo Galeano (GALEANO, E. A nossa primeira carta. *Versus*, São Paulo, out. de 1975, p. 41)

Índice

Nuestra América: texto de 1893 José Martí 3
O Guia da Invasão Carlos Rangel 7
Crime e Poder na Venezuela Gabriel G. Marquez 10
Nas entranhas do Paraguai Severo de Lucca Crudo 12
Triste Juncos-Tudo Legal António Torres 16
Memórias de um Pau-de-Arara 22
Sobre Erico Moacyr Scliar, Antônio Cândido, Mário Quintana G Cesar 24
Velhos Guerreiros do Sul Licínio Azevedo e Omar de Barros Filho 25
Pensando Erico Sírvial Medina 28
A estranha/maravilhosa República Guarantíca Jorge Escosteguy 29
A música nova/antiga dos Tapes Moacyr Oliveira Filho 32
Galeria Alaska João Antônio 33
Jornalismo e perigo na Espanha José António Novais 36
Negritude e colonialismo Chris Marker 39
Dias de loucura de David Cooper Eduardo Pavlovsky 42
Poemas de Pier Paolo Pasolini, conto de Ignacio de Loyola 43
Contabulario: páginas de pequenas notas 46



sumario

elías castelnuovo	escribiendo y peleando
10 poetas del litoral	
félix beltrán	la propaganda y el lenguaje de los signos en un proceso revolucionario
cantar opinando	entrevistas a nacha guevara, alberto favero, mercedes sosa, daniel viglietti y alfredo zitarrosa
augusto salazar bondy	diálogos indios
manuel scorza	“yo viajo del mito a la realidad”
poetas y cuentistas jóvenes del perú	itinerario
gabriel garcía márquez	ojos de perro azul (cuento)
gabriel garcía márquez	chile
eric nepomuceno	un encuentro con la resistencia chilena
carnet	

Figura 3: Sumário, edição 5, Versus, 1976; Sumário, edição 12, Crisis, 1974

A relação mantida com *Crisis* também se tornou explícita em alguns editoriais, como é o caso daquele publicado na quinta edição de *Versus*, em agosto de 1976. Nele se encontra uma espécie de despedida-homenagem à publicação argentina cujas linhas iniciais dizem o seguinte: “A morte de uma revista que amamos é como a morte de um amigo ou de um amor” (Editorial, *Versus* 5, 1976, p. 2).

A morte de uma revista que amamos é como a morte de um amigo ou de um amor. Foram quarenta números. Três anos e quatro meses. Quanta beleza, força e angústia nas páginas de *Crisis*! Desde seu primeiro número, *Crisis* mostrava a sua intenção: caminhar pelo presente e pelo passado de Nossa América. Realizar, como José Martí, que existe uma América Nossa. Ou que devemos conquistá-la. E que Nossa América é muito maior do que as fronteiras que separam nossos povos. A América Latina é um quebra-cabeças de povos e histórias. Um enigma. Nossos povos não descobrem apenas a verdade do presente mas do passado. Há um drama comum. É uma comum tarefa de construção de um mundo digno. Existem os rios subterrâneos da criação e da liberdade; a invenção sufocada, as ameaças. Com iluminação, isto foi entendido pelos homens de *Crisis*: Eduardo Galeano, Aníbal Ford, Juan Guelman, Santiago Kovatschl, o assassinado Haroldo Conti. E tanta gente pela América e pelo mundo. O melhor da cultura e da arte do continente passou por suas páginas: García Márquez, Julio Cortázar, Pablo Neruda, Mario Benedetti, Victor Jara, Juan Carlos Onetti, quantos mais! E o Brasil de Carlos Drummond de Andrade, Ferreira Gullar, Guimarães Rosa, Antônio Callado. Publicando nossos artistas *Crisis* era fiel à sua vocação continental. A sua visão de Nossa América. Alguns espíritos estreitos presos a uma visão xenófoba achavam que a revista deveria se fechar.

à cultura e à arte da “potência vizinha”. Pois assumir também esta cultura e esta arte tornou-se para *Crisis* uma questão de princípios. Foram quarenta números de invenção, audácia e riscos. A voz dos artistas, dos pesquisadores; a voz de nossos povos; a voz de nossos jovens artistas chegou a um universo que sabia expressá-las. Mas as circunstâncias históricas são a mãe e o pai das revistas e dos jornais. Cada circunstância permite o nascimento ou a morte das publicações. Houve um momento em que era impossível *Crisis* seguir. Foi há um mês atrás. A miséria dos crimes, dos assassinatos, das ameaças resolveu o dilema de seus editores. *Crisis* tinha que desaparecer. Mas as idéias de *Crisis* morreram? Não. Este é o engano dos que querem resolver (como Goebelle) a questão da cultura e das idéias com pistolas. Certos vivos são mais vivos do que os vivos, disse Martí. Certos prisioneiros, como dos campos de concentração hitleristas, são mais livres do que seus carcereiros. *Crisis* está mais viva do que nunca.

Figura 4: Editorial, Versus 5, 1976, p.2

Percebe-se, de modo sintético, que o projeto de *Crisis* percorre intimamente as páginas de *Versus*. Vejamos, agora, nos marcos da interface entre estas publicações, de que modo a proposta de um projeto polí-

tico-cultural para a América Latina se articulava a um modelo de jornalismo que transpassa o simples narrar e faz da ideia de comprometimento um designativo de ação textual, a moldar não apenas o universo singular descrito e retratado, mas sobretudo a própria confecção textual (CORACÃO, 2012).

A cultura como forma de ação

Se manifesto inaugural ou declaração de princípios, a primeira edição de *Versus* pode ser lida como metáfora a um clima em que a morte parecia querer sufocar a vida. O tema perpassa as 52 páginas do exemplar de estreia, que saiu das gráficas, justamente, no momento em que o jornalista Vladimir Herzog fora assassinado nas dependências do DOI-CODI, em São Paulo – fato que ganhou projeção nacional e se traduziu em uma nova onda de protestos contra o regime militar. Acontecimento que, ainda, colocou à prova a prometida abertura anunciada pelo governo do general Ernesto Geisel (1974-1979).

Versus constituiu-se, então, como um espaço emergente e condensador deste cenário – desde que pensemos no conjunto de disposições que permitiram a sua produção e a sua leitura. Assumimos, portanto, o entendimento de que jornais e revistas são um ato coletivo que se diferencia da produção individual de seus membros uma vez que dar sentido ao mundo é parte constitutiva da atividade jornalística.

Entendemos ainda revistas e jornais como portadores de uma memória, o que os tornam “lugares de memória” uma vez que delimitam aquilo que deve ser lembrado e esquecido (NORA, 1993). Na seleção constante dos temas a serem apresentados ao leitor residem, assim, estratégias de legitimação dentro do espaço social que se buscou ocupar.

Desde o sumário de *Versus*, construído à semelhança de *Crisis*, temos uma espécie de mosaico no qual se desenha o “espírito de uma época” (SONDERÉ-GUER, 1999). Não se trata de delimitar um espaço homogêneo, pois sua unidade estética, cultural e política não adquire a forma de uma doutrina, se expressa em adesões, rechaços e controvérsias – elementos, aliás, que ora aproximam a publicação brasileira da argentina ora as distanciam.

Somam-se a esse movimento de ideias expressado no sumário, as permanências, as rupturas e os (re) arranjos que remontam o expediente destas publicações – ou seja, a formação da equipe de redação e também de sua rede de colaboradores. Um painel no qual é possível visualizar o movimento das ideias no tempo, não ape-

nas o estado cultural do período, mas sobretudo em que medida suas páginas contribuíram para conformá-lo.

Datada de maio de 1973, a primeira edição de *Crisis* é composta por uma série de inéditos literários – de Ernesto Sábato, Henry Miller, Neruda, João Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Lenin, Manuel Rojas – que revelam o “arejar de ideias” provocado pelo regresso de Perón¹² à Argentina e sua vitória nas eleições presidenciais, ocorrida no mesmo ano do lançamento da revista.

Cada nueva apertura democrática significó la aparición, redefinición, o clausura de múltiples publicaciones periódicas que pretendieron interpretar el momento, generar nuevos proyectos culturales o establecer modalidades novedosas de intervención en el campo político y cultural (SONDERÉGUER. 1999, p. 7).

Em *Versus*, a incerteza ante o terror e o horror herdado da era Medici (1969-1974) compõe o cenário do exemplar de estreia. Em sua capa, lê-se: “Eu fui condenado à morte (Confissões de um repórter argentino)”;

“Eu me condenei à morte (Diário de um escritor peruano)”;

“Nós vivemos na morte (A vida em um hospício mineiro)”. Ao mesmo tempo, a edição traz ainda uma extensa entrevista com Michel Foucault, versos em homenagem ao poeta paraibano, negro e analfabeto, Zé Limeira, uma tradução do ensaio “Política e crime”, do poeta e ensaísta alemão Hans Magnus Enzensberger, um artigo de Eduardo Galeano, o relato de um jornalista brasileiro sobre a vida no país Basco, a música com inspiração latino-americana do grupo Tarancón, uma crônica de João Antônio e um artigo de Eduardo Galeano.

Há também notas – artigos e comentários breves sobre música, literatura, arte e cinema – uma interrogação sobre uma das (muitas) problemáticas que atravessaram essa época, “Música popular ou música contra o povo?”, e uma reflexão sobre o colonialismo a partir de Angola.

Neste primeiro número estão esboçadas algumas das linhas constitutivas do que será, com alguns ajustes e novas reflexões, a proposta do projeto cultural e político de *Versus* – a articulação de um pensamento nacional e latino-americano, a cultura popular, a litera-

12 Juan Domingo Perón governou a Argentina por dois mandatos no período de 1946-1955, sendo o segundo interrompido por um golpe militar. Depois de retornar do exílio na Espanha, em 1973, é eleito presidente novamente.

tura, a história.

Em um contexto marcado pelo convívio com a censura, os grafismos assumiam um papel importante: ocupavam, por vezes, o lugar tradicionalmente destinado as imagens e se convertiam numa forma de testemunho. Na profusão de ilustrações de corpos e caveiras parece querer se construir a ideia de que é “o real” aquilo que a publicação oferece aos leitores.



Figura 5: Montagem a partir de imagens de *Versus*, edição 1, 1975

Assim, embora partam de uma mesma proposta, os primeiros exemplares de *Versus* e *Crisis* oferecem ao leitor realidades díspares que se encontram num ponto comum: a América Latina – seja pela autoria de alguns dos principais conteúdos destacados em suas capas ou pela presença nos demais textos que compõe as edições. Por isso, vale destacarmos, a partir desta observação, alguns acontecimentos essenciais à localização espaço-temporal de *Versus* que contribuem para visualizarmos os laços entre esta publicação e o território cultural latino-americano, o que inevitavelmente contribui para a aproximação da edição brasileira de *Crisis*.

Ao largo da década de 1960 e estendendo-se aos 70, o continente vira a nascer diferentes movimentos revolucionários e modificações importantes em seu campo cultural. Nesse enquadre, encontram-se fenômenos como, por exemplo, o chamado *boom* literário latino-americano, que marcou a década de 1970 e colocou sob os holofotes internacionais a literatura de países até então periféricos. Julio Cortázar, Gabriel García Márquez, Carlos Fuentes, Mario Vargas Llosa, Juan Carlos Onetti, Alejo Carpentier, Miguel Ángel Asturias, José Donoso, Juan Rulfo e Ernesto Sábato¹³ são alguns nomes de uma vasta lista de escritores que, naqueles anos, assumiram a condição de latino-americanos. Sabemos, contudo, que alguns dos autores mencionados já haviam publicado seus romances na Europa, sendo o *boom* literário responsável por ampliar a difusão das obras a um círculo maior de leitores interessados em descobrir um pouco mais sobre o continente no qual se dera a Revolução Cubana.

Outro ponto que ainda carece de um olhar mais apurado, diz respeito à participação dos exilados na imprensa alternativa – seja como colaboradores de

13 Ernesto Sábato assina a matéria “Conversas sobre o medo”, na edição de lançamento de *Versus*. A ele é atribuída não só a sugestão do nome *Crisis*, mas também a ideia original da revista, segundo entrevista cedida a María Sonderéguer, *Crisis: la certeza de los 70'* (Buenos Aires, 1996).

retos ou como fonte para entrevistas. Afinal de contas, a descoberta da América Latina também perpassou a experiência do exílio, sobretudo no caso dos brasileiros, como aponta (ROLLEMBERG, 1999) ao destacar que a atmosfera do continente e a proximidade geográfica com o Brasil o tornava não apenas ponto de chegada, mas também um projeto político das gerações de 1964 e 1968 – àquelas que partiram, respectivamente, no início do golpe e, logo após, o decreto do AI-5, em 13 de dezembro de 1968.

Se o Uruguai foi o principal polo de atração da primeira geração, a partir de setembro de 1970, com a vitória eleitoral da Unidade Popular, o Chile de Salvador Allende torna-se a rota principal de quem partia do Brasil:

A chegada ao Chile provocou ainda uma descoberta da América Latina. Mostrou aos brasileiros o desconhecimento da história e das sociedades latino-americanas; o isolamento em relação ao continente. A referência até então se limitava a Cuba (ROLLEMBERG, 1999, p. 102).

A presença do exílio não esteve alheia às páginas de *Versus*. Eduardo Galeano, por exemplo, havia deixado o Uruguai quando a publicação argentina foi lançada e, após o seu fechamento, em 1976, passou a colaborar com a publicação brasileira desde a Espanha. A coluna “Coração Americano”, com estreia na edição de número 9, em 1977, era preenchida, por vezes, com relatos sobre o desterro. Além disso, há um elo fundamental, que estreita a relação entre *Versus* e *Crisis*, estabelecido na figura do jornalista brasileiro Eric Nepomuceno – um ativo colaborador de ambas publicações cujos textos são marcados por histórias verídicas nas quais os personagens raramente estão no próprio país ou em suas casas.



Figura 6: Coração Americano, Versus, Edição 11, 1977, p.21

Em função do exílio, as discussões e ações dos movimentos negros (assim como dos feministas e lgbs) também circularam intensivamente pelo Atlântico, sendo a formulação da sessão “África-América-Latina Versus” na edição de número 12, em 1977, um exemplo deste cruzamento de rotas e caminhos. À frente desta iniciativa, os jornalistas Hamilton Cardoso e Neusa Maria Pereira (ambos lideranças do Movimento Negro Unificado) centralizaram o debate teórico sobre o racismo no Brasil nas páginas de *Versus*, assinalando uma revisão do projeto inicial da publicação que, a partir daí, se distancia pouco a pouco de *Crisis* e politiza progressivamente sua linguagem, embora ainda conservando o caráter ativo da mesma.



Figura 7: Versus, edição 14, 1977, p. 25

Juntos, esses “ingredientes” tornaram possível a experiência de *Versus* bem como suas interfaces com *Crisis*. Um processo dialético: ao mesmo tempo em que ajudaram a “produzi-las”, por elas foram também “produzidos”. Não por acaso, figuram entre as páginas destas publicações grande parte dos autores do *boom* literário. Escolhas a serem observadas para além dos termos de presença e, sim, nos marcos do projeto almejado. Voltemos, então, a nossa atenção a uma breve nota sobre a literatura argentina produzida no desterro, durante o século XX:

Son textos que se organizan en las fronteras, en contra de los relatos hegemónicos, de los cánones aceptados y de la memoria de la tradición. A partir de este limite interior, recontextualiza, reformula, invierte realidades y, sobre todo, lleva las marcas de la ruptura y de las múltiples inflexiones sociales. (FERNÁNDEZ, N. M., 2006, 4).

Percebemos, portanto, que há nos escritos do (e sobre o) exílio um profundo questionamento dos pilares hegemônicos da história. Um dado a nos indicar um certo teor conflitivo verificado já nas próprias denominações de ambas publicações. Enquanto *Versus* expressa a oposição diante de um “outro” e insinua a ideia de diferenciação, *Crisis* indica um estado de desajuste – diante, talvez, das incertezas quanto ao cenário político da Argentina. Assim, a publicação argentina opta por uma vinculação entre o designativo e o seu subtítulo: “Ideias, letras, artes **em la** Crisis”, o que revela sua tomada de posição tanto como instrumento quanto projeto (SONDERÉGUER, 1996). Já *Versus*, ao optar pelo subtítulo “Reportagens, ideias e cultura” define o lugar que pretendeu ocupar em seu distanciamento em relação a outras posições.

Nas duas apostas estão contidas as marcas daquilo que (SARLO, 1990) denominou como *geografías culturales* – isto é, por um lado o espaço intelectual concreto por onde circularam, por outro o espaço-bricolagem, ou imaginário, onde se alocaram idealmente. Na intersecção entre um e outro, pontua a autora, a possibilidade de inauguração de um novo espaço. E, em todos os casos, o caráter de intervenção no campo cultural.

Se levarmos em conta que havia, por parte destas publicações, a consciência de sua participação “em um campo cultural periférico”, os fenômenos de impor-

tação cultural e de formação da cultura nacional nos países periféricos constituem-se como temas-chave para podermos apreender o projeto antecipado por *Crisis* e perseguido por *Versus*. Afinal de contas, como assinala Roberto Schwarz, “brasileiros e latino-americanos fazemos constantemente a experiência do caráter *postiço*, *inautêntico*, *imitado* da vida cultural que levamos” (SCHWARZ, 1987, p. 29) – experiência considerada pelo autor como integrante de nossa reflexão crítica desde os tempos da Independência.

Para os nossos propósitos, faz-se necessário pensar tais apontamentos em sua relação de vinculação com a *práxis* jornalística levada a cabo por *Versus* a partir do horizonte já anunciado por *Crisis*. Um movimento que, aos nossos olhos, não se limita ao recorte temporal no qual essas publicações estão inseridas uma vez que no centro da discussão o que está posto é pensar o próprio fazer jornalístico (ou a *práxis*¹⁴ jornalística) como uma atividade política, reconhecendo em seu processo de produção a capacidade intrínseca de elaboração da realidade. Isto é, pensá-lo nos termos de influência ou participação na construção de sentido e, portanto, em sua capacidade formadora e interventora da consciência humana, o que torna o fazer jornalístico um ativo produtor (ou não) de sujeitos políticos.

No editorial de aniversário de *Versus*, em comemoração ao seu primeiro ano de vida, encontramos uma espécie de síntese na qual algumas das questões que discorreremos até aqui ganham forma:

Há um ano *Versus* nasceu. No dia 22 de outubro. Num cenário sombrio. Traziámos uma proposta: fazer um jornal brasileiro assumindo a América Latina. Em que a busca de nossas raízes fosse um programa. No qual a História seria um tema tão importante quanto “as novidades”. Um jornal sem vergonha de assumir a reflexão e a cultura, num momento em que, na grande imprensa, Letras, Artes e Pensamento eram relegados à condição de variedades. (ANIVERSÁRIO, 1976, p. 2)

14 Por *práxis* entendemos a unidade entre teoria e prática ou seja a determinação da existência humana como elaboração da realidade. Ou ainda, na acepção de Gramsci na qual se discorre sobre a filosofia da *práxis*: “[...]o ser não pode ser separado do pensamento, o homem da natureza, a atividade da matéria, o sujeito do objeto; se essa separação for feita, cai-se numa das muitas formas de religião ou na abstração sem sentido” (GRAMSCI, 1995a, p. 70).

Há nesta apresentação marcas auto-referenciais nas quais se evidencia uma espécie de código de conduta atrelado ao fazer jornalístico. Uma tomada de posição feita a partir de três eixos: **1) A conquista de uma identidade** (“a busca de nossas raízes”); **2) A revisão historiográfica** (“a História seria um tema tão importante quanto “as novidades”); **3) A cultura como forma de ação** (“assumir a reflexão e a cultura, num momento em que, na grande imprensa, Letras, Artes e Pensamento eram relegadas à condição de variedades”).

O editorial também assinala algumas hipóteses que se atrelam ao nome de *Versus* para, em seguida, reforçar os propósitos que o contrapõem às demais publicações tidas como culturais e revelam um embate com relação a certas práticas adotadas no jornalismo corrente:

Ao mesmo tempo, não sentíamos *Versus* como “uma revista literária”. (Algumas vezes, assim fomos chamados - e isso nos aborreceu). Nem como uma “revista cultural”. Talvez porque nosso entendimento de cultura nos conduzisse a outros caminhos. (ANIVERSÁRIO, 1976, p. 2)

Quando o editorial sublinha o cenário de ação da publicação, isto é os terrenos nos quais ela elege os seus interlocutores e constrói os seus referenciais, revela-se um empreendimento de “amores” com os territórios a serem decodificados:

Um jornal distante das igrejinhas intelectualistas. Mas, ao mesmo tempo, estranho à demagogia populista que tanto fascina alguns. Um jornal que não tem vergonha de ser apaixonado, apesar da moda ser o sociólogo e o economês. Um jornal que mistura Cortazar e Histórias em Quadrinhos, futebol e reflexões sobre o colonialismo cultural - memórias de um operário nordestino devorado por São Paulo (“com aquela fala “errada” do povo, fala certa do povo”) e uma entrevista com Michel Foucault (que Foucault amou). (ANIVERSÁRIO, 1976, p. 2)

Deste modo, a utilização do elemento passional carrega consigo a ideia de aproximação com o universo apreendido, o que reforça a nossa hipótese de que o projeto político-cultural proposto *Versus* - e antecipado por *Crisis* - se formula a partir de uma concepção propositiva acerca da criação textual. E, portanto, se opera a partir do fazer jornalístico.

A expressão passional nos remete, portanto, à ideia de comprometimento¹⁵ - entre o jornalista e sua *práxis*. Um ato que se traduz como uma forma de engajamento e comporta a confecção de um certo de tipo de texto realizado nos meandros do cotidiano banal (ou ainda marginalizado) - espaços ressaltados pelo próprio editorial em harmonia de convivência com outros territórios (“Cortazar e Histórias em Quadrinhos”/ “futebol e reflexões sobre o colonialismo cultural” / “memórias de um operário nordestino e uma entrevista com Michel Foucault”).

Desenha-se, assim, um projeto que é difusão, mas também conquista, e, sobretudo, experimentação. Um projeto no qual o domínio da linguagem significava a atitude deliberada de intervenção no campo cultural, o que nos coloca em contato com um outro modo de produção jornalística possível distante do discurso vitorioso da técnica, que encobre relações de poder e “justifica” a manipulação sutil (MORETZSOHN, 2001). Um movimento iniciado em *Crisis*, que em seu editorial de aniversário, datado de abril de 1974, já assinalava aos seus leitores:

Si algún camino hicimos, lo hicimos al andar, sin anunciar el paso con estridentes manifiestos ni declaraciones de principios. La revista es lo que su contenido dice que es: un vehículo de difusión y conquista de una identidad nacional y latinoamericana que quiere ser útil en el marco mayor de las luchas de liberación. (ANIVERSÁRIO, [Editorial], 1976)

Neste movimento, a publicação argentina, assim como *Versus*, também não se enxergava como uma “revista literária”:

15 A ideia de comprometimento, aqui, é entendida na acepção sartreana, estando fundamentado em uma finalidade íntima entre o escritor e a escrita, o que reserva ao texto uma espécie de atributo social, (CORACÃO, 2012).

El objetivo de *Crisis* no es el de reproducir los esquemas de las revistas literarias tradicionales. Tanto como seguir el proceso literário, interessa analizar los problemas de infraestructura cultural, recoger los testimonios mas escondidos y marginados de la cultura popular, atender a las formas massivas de comunicaci3n y informaci3n. (NOTÍCIAS: UMA EXPERIÊNCIA DE PERIODISMO POPULAR, 1974.)

Parece ser a cultura, ent3o, o elemento catalizador do projeto que se pretendeu construir uma vez que esta se apresentava sob uma perspectiva distante de qualquer tipo de departamentaliza3o, ou setorializa3o, na estrutura interna de ambas publica3es. Por isso, a escolha do nosso intertítulo “A cultura como forma de a3o” – ou seja, o desejo de interven3o no campo cultural (o qual era recortado como nacional e latino-americano), tendo em vista uma no3o de cultura que se une ao fazer jornalístico, sobre o qual as técnicas e os conceitos do próprio jornalismo s3o constantemente postos em quest3o.

Uma no3o de cultura expressa por meio de um universo heterogêneo desenhado a partir de elementos que remetem à narrativa plural dos anos 70 ao mesmo tempo em que se distanciam dos preceitos de imparcialidade e objetividade em curso na constru3o jornalística do período.

Versus e *Crisis* condensam muitas das problemáticas que atravessaram o panorama político e ideológico do continente à época e ganharam apelo na chamada à revolu3o e na conquista de uma identidade latino-americana. Ambas nos oferecem duas possibilidades de apropria3o: uma que nos apresenta uma dimens3o democrática de cultura e outra que propõem uma imagem de na3o – pensada como elabora3o de uma identidade que se expressa como revis3o historiográfica. Um projeto que existiu até onde foi possível em intenso corpo a corpo com o fazer jornalístico.

Referências

ANIVERSÁRIO. [Editorial]. *Versus*, n. 6, p. 2, out/nov.1976.

ARAÚJO, Luis Carlos Eblak. *O Versus e a imprensa alternativa: em busca da identidade latino-americana (1975-1979)*. 2002. 139 f. Disserta3o (Mestrado em His-

tória Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

BARBOSA, Marialva. *Comunica3o e história: presente e passado em atos narrativos*. Comunica3o, mídia e consumo, São Paulo, v.6, n.16, p.11-27, jul. 2009.

BARROS FILHO, Omar L. de. *A imortalidade vence o esquecimento*. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a_imortalidade_vence_o_esquecimento>. Acessado em 20 jan. 2015.

CORAÇÃO, Claudio. *Repórter-cronista em confronto: João Antônio na trilha de Lima Barreto*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2012.

CRISIS. [Editorial]. *Versus*, n. 5, p. 2, ago/set., 1976.

FERNÁNDEZ, Nilda María flawiá de. *Lenguaje y búsqueda identitaria: en torno a la literatura argentina de las últimas décadas del siglo XX*. Cyber Humanitatis. Disponível em: <http://www.revistas.uchile.cl/index.php/RCH/article/view/9100/9082>. Acessado em: 24 ago. 2014

GRAMSCI, Antonio. *Concep3o dialética da história*. 10. ed. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civiliza3o Brasileira, 1995a.

HORTA, Sandra Alves. *Imprensa Alternativa – comentários sobre o acervo*. In: KUSHNIR, B. (Org.) *Maços na gaveta: reflexões sobre mídia*. Niterói: EdUFF, 2009.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários nos tempos da imprensa alternativa*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Comunica3o e jornalismo: A saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker, 2002.

MOREIRA, Sônia Virgínia. *Vinte anos de imprensa alternativa*. Rioarte, O poder da imprensa alternativa pós-64, Histórico e Desdobramentos, 1985.

_____, *As alternativas da cultura (Anos 60/70)*, in MELLO, Maria Amélia (org.) *20 anos de resistêcia: alternativas da cultura no regime militar*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1986.

MORETZSOHN, Sylvia. “Profissionalismo” e “Objetividade”: o jornalismo na contramão da política. UFF.

2001. Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/moretz-sohn-sylvia-profissionalismo-jornalismo.pdf>. Acessado em: 20 jan. 2015.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. In: Projeto História - Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História do departamento de História da PUC-SP. n. 10, dez. 1993. pp. 07-28.

NOTÍCIAS: uma experiência de periodismo popular. *Crisis*, n. 18, out., 1974.

ROLLEMBERG, Denise. *Exílio: entre raízes e radares*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SARLO, Beatriz. *Intelctuales y revistas: razones de una práctica*. In: América, Cahiers du CRICCAL, n. 9/10, Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, 1992.

SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?* São Paulo : Companhia das Letras, 1987.

SARRÍA BUIL, A. *Libre (1971-1972): más allá del exilio español, in Prensa, impresos, lectura em el mundo hispánico contemporáneo: homenaje a Jean- François Botrel*. Universidade Michel de Montaigne, Bordeaux 3, p. 475-488, 2005.

SONDEREGUÉR, M. *Revista Crisis (1973-1976) Del intelectual comprometido al intelectual revolucionário*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2011.

_____. *Crisis: Las certezas de los '70*. Argentina: Universidad de Buenos Aires, 1996.

Recebido em: 31/03/2015

Aprovado em: 20/05/2015